

## O DISCURSO FUNDADOR DO TOCANTINS: UMA ANÁLISE DA PLACA DO PALÁCIO ARAGUAIA

Thiago Barbosa Soares<sup>1</sup>  
Damião Francisco Boucher<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é descrever e interpretar, à luz do consagrado instrumental interpretativo da Análise do discurso, os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na placa do Palácio Araguaia, sede do governo do Tocantins, de 9 de março de 1991 e, desse modo, compreender parte do funcionamento do discurso fundador do Estado. Para organizar a disposição dos integrantes do edifício argumentativo deste texto, têm-se as seguintes seções delineadas: **Aparato teórico-metodológico**, na qual são recenseadas, de maneira contributiva tanto para esta pesquisa quanto para outras com objetos e escopos similares, as noções de condições de produção, formação discursiva e interdiscurso; **Análise: o discurso fundador do Tocantins**, na qual os vetores analíticos anteriormente expostos são aplicados, com objetivo de examinar a discursividade investida na placa do Palácio Araguaia de 9 de março de 1991. Por fim, encontra-se a seção de **Considerações finais**, na qual se pesa o empreendimento desenvolvido e as eventuais contribuições que possam lançar luz ao entendimento do discurso fundador do Estado do Tocantins e, sobretudo, diz-se dos principais elementos encontrados no exame desenvolvido, a saber: a formação discursiva análoga ao parnasianismo na tessitura textual presente na placa, o entrecruzamento de pré-construído do discurso religioso ao discurso político e a ancoragem de parte do discurso fundador em componentes recorrentes do discurso político.

**Palavras-chave:** Fundação. Tocantins. Análise do Discurso.

## THE FOUNDING DISCOURSE OF TOCANTINS: AN ANALYSIS OF THE ARAGUAIA PALACE SIGN

**Abstract:** The purpose of this article is to describe and interpret, in the light of the consecrated interpretative instruments of Discourse Analysis, the effects of meanings and subjects present on the plaque at Palácio Araguaia, seat of the government of Tocantins, on March 9, 1991 and, from that way, to understand part of the functioning of the founding speech of the State. To organize the disposition of the members of the argumentative building of this text, the following sections have been outlined: **Theoretical-methodological apparatus**, in which the notions of conditions of production, discursive formation and interdiscourse; **Analysis: the founding discourse of Tocantins**, in which the previously exposed analytical vectors are applied, with the objective of examining the discursiveness invested in the plaque of the Palácio Araguaia of March 9, 1991. Finally, there is the section of **Final considerations**, in which the developed undertaking is weighed and the possible contributions that may shed light on the understanding of the founding discourse of the State of Tocantins and, above all, it is said of the main elements found in the developed examination, namely: the discursive formation analogous to Parnassianism in the tessitura text present on the plaque, the intersection of pre-constructed religious discourse with political discourse and the anchoring of the founding discourse in recurrent components of political discourse.

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. E-mail: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br).

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4815591282019412>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>. E-mail: [boucherplace@gmail.com](mailto:boucherplace@gmail.com).

**KEYWORDS:** Foundation. Tocantins. Discourse Analysis.

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As fundações de um país ou um de um Estado são culturais, sociais, políticas e, sobretudo, discursivas, já que é a linguagem a interpretante da cultura, da sociedade e da política. Nesse direcionamento, pode-se afirmar que existem discursos que atravessam essas esferas de atuação humana e as costumam, fundamentando, mediante inúmeros expedientes, o que se chama de discurso fundador. Todavia, não há discursividades sem contradições que as façam funcionar segundo um determinado sentido orientador, esse também é o caso do discurso fundador. Segundo Orlandi (2001), o que define o discurso fundador é uma ruptura, sendo essa um deslocamento que instala a metáfora existencial do “aqui é o agora”. Nos termos de Orlandi (2001): “No discurso fundador o opositor não existe: a história é no agora” (ORLANDI, 2001, p. 22).

Um país ou um Estado, quando é fundado, recebe de algumas figuras não apenas nomes, mas, eventualmente, recebe filiações as essas, produzindo “desse modo o efeito do familiar, do evidente, do que só pode ser assim” (ORLANDI, 2001, p. 13-14). O efeito do novo, existente no familiar, visa reestruturar organizações culturais, sociais e linguísticas sob uma égide política, cujo principal efeito é a criação de uma crença efetiva de um fundador ou fundadores de uma região, estado ou país. Dessa perspectiva, o discurso fundador é o responsável por estabelecer as bases para a compreensão do mundo, dos sujeitos e das relações entre eles, fazendo-o, ele molda a maneira como os sujeitos percebem a representação da realidade, organizando suas crenças, valores e identidades (ORLANDI, 2001). Em vista dessa compreensão, o discurso fundador exerce poder ao modular como as produções discursivas são expressas, tornando-se um ponto de referência central para a construção de certos sentidos.

Como se sabe, o discurso fundador não está necessariamente vinculado a uma personalidade, antes, pode conectar-se a enunciados linguisticamente estabilizados pelo uso frequente, como o caso de Em se plantando tudo dá – fragmento da carta do Pero Vaz de Caminha – Independência ou morte – atribuída a D. Pedro I – e Libertas quae será tamem – lema da bandeira de Minas Gerais que significa: “Liberdade ainda que tardia” – que são produções discursivas solidárias as suas condições de produção e, ao mesmo tempo, efetivam a unidade de ruptura com a anterioridade. Esses enunciados não apenas carregam parte do processo histórico do qual fizeram parte, já que constituem excertos fabricados de momentos

distintos da formação social brasileira, pois simbolizam, até os dias atuais, a reconfiguração segundo a qual “novas” bases políticas foram lançadas e, conseqüentemente, fundaram “novas” proposições discursivas sobre o circuito coletivo em que incidiram.

Um exemplo de discurso fundador, inclusive, vinculado a este artigo, é a legitimação discursiva da criação do Estado mais novo da federação brasileira, o Tocantins. Conforme o site do próprio governo estadual, em 1987, foi entregue à “Assembleia Constituinte uma emenda popular com cerca de 80 mil assinaturas como reforço à proposta de criação do Estado” (TOCANTINS, 2023). Assim, continua o texto, “Foi criada a União Tocantinense, organização suprapartidária com o objetivo de conscientização política em toda a região norte para lutar pelo Tocantins também através de emenda popular” (TOCANTINS, 2023). Para cancelar a movimentação discursiva em torno da criação do novo Estado, o historiador Francisco Ayres da Silva afiança: “O povo nortense quer o Estado do Tocantins. E o povo é o juiz supremo. Não há como contestá-lo, reconhecia o governador de Goiás na época, Henrique Santilo” (SILVA, 1999, p. 237). Desse modo, a partir da fundamentação da narrativa separatista, nascem significativas adesões para a causa de fundação do Tocantins, cuja culminação dá-se em 5 de outubro com a emergência formal do Estado do Tocantins.

Diante da conjuntura na qual o mais novo Estado brasileiro foi criado, surge demanda investigativa: quais elementos constituintes do discurso fundador do Tocantins? Segundo tal indagação, o objetivo deste artigo é descrever e interpretar, à luz do consagrado instrumental interpretativo da Análise do discurso, os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na placa do Palácio Araguaia, cede do governo do Tocantins, de 9 de março de 1991 e, desse modo, compreender parte do funcionamento do discurso fundador do Estado. Para organizar a disposição dos integrantes do edifício argumentativo deste texto, têm-se as seguintes seções delineadas: **Aparato teórico-metodológico**, na qual são recenseadas, de maneira contributiva tanto para esta pesquisa quanto para outras com objetos e escopos similares, as noções de condições de produção, formação discursiva e interdiscurso; **Análise: o discurso fundador do Tocantins**, na qual os vetores analíticos anteriormente expostos são aplicados, com objetivo de examinar a discursividade investida na placa do Palácio Araguaia de 9 de março de 1991. Por fim, encontra-se a seção de **Considerações finais**, na qual se pesa o empreendimento desenvolvido e as eventuais contribuições que possam lançar luz ao entendimento do discurso fundador do Estado do Tocantins.

## APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Como esta pesquisa volta-se para a compreensão do processo discursivo de fabricação de sentidos na placa do Palácio Araguaia, de 9 de março de 1991, sob a perspectiva da Análise do Discurso, é fundamental a delimitação da noção de discurso para esta investigação. Nesse horizonte teórico-analítico, o discurso não é apenas um meio de transmitir informações, mas é também uma prática social e ideológica que está enraizada em estruturas de poder, cuja influência pode ser sentida pela maneira como o mundo é percebido pelos sujeitos e, sobretudo, como esse é representado pela linguagem. O discurso é mais do que apenas uma sequência de palavras e frases isoladas. Ele é comunicação, além da mera transmissão de informações, também é construção de significados, interpretações e sentidos. Esses não são inerentes às palavras em si, já que emergem da interação dinâmica entre quem entre interlocutores, bem como das condições sociais, culturais e conjunturais em que a comunicação ocorre.

Para circunscrever precisamente a noção de discurso aqui empregada e articula aos operadores interpretativos condições de produção, formação discursiva e interdiscurso, extrai-se da obra de Pêcheux (2010) que discurso é “(...) efeito de sentido entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 2010, p. 81), justamente porque se opõe ao “chapado esquema da informação derivado dos trabalhos de Jakobson segundo o qual um emissor produz uma mensagem X e a envia a um receptor que, por sua vez, recebe o mesmo X enviado” (SOARES, 2018, p. 116). Portanto, como a primeira delimitação de discurso recobre, não apenas, a imediaticidade do processo comunicativo e a segunda produz uma síntese da não linearidade dos sentidos percebidos em um dado direcionamento, pode-se enunciar que a escolha entre uma e outra conduz a opções tanto de procedimento heurístico quanto da empregabilidade de operadores de análise discursiva cujo retorno ao projeto epistemológico (SOARES, 2022) “original” torna-se inevitável.

Decorrente da noção de discurso, emergem dispositivos de análise, como condições de produção, formação discursiva e interdiscurso. O primeiro refere-se ao conjunto de elementos sociais, históricos, culturais e ideológicos que influenciam a produção e interpretação de um discurso. As condições de produção têm um papel crucial na forma como os discursos são construídos, entendidos e recebidos pelos interlocutores (SOARES, 2018). Pêcheux (2010) parte do princípio de que todo discurso é oriundo de condições de produção dadas, remetendo “às relações de sentido nas quais é produzido: assim tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele orchestra os termos principais ou anula os argumentos” (PÊCHEUX, 2010, 76). Como consequência dessa delimitação das condições de produção, Orlandi (2011) afirma: “o discurso pode ser visto justamente como a instanciação

do modo de se produzir linguagem, isto é, no processo discursivo se explicita o modo de existência da linguagem que é social” (ORLANDI, 2011, p. 26).

Relacionada às condições de produção, tem-se a formação discursiva, a qual está intrinsecamente ligada ao funcionamento da ideologia na interação entre a comunicação e a sociedade, conforme colocado por Orlandi (2011) a esse respeito: “A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção” (ORLANDI, 2011, p. 132). Em outras palavras, a formação discursiva determina as possibilidades de significação e os limites do que pode ser dito – tanto pela forma quanto pelo conteúdo – em um determinado seguimento do circuito social e em um determinado momento. Em termos simples, uma formação discursiva é um conjunto de regras, convenções, normas e discursos que se relacionam e organizam-se em torno de um determinado tema, conceito ou objeto de conhecimento. A formação discursiva modula a maneira como um assunto específico é produzido, definindo as fronteiras do que é considerado legítimo dentro de um domínio de saber e estabelecendo os termos nos quais os sentidos e seus efeitos são realizados.

A formação discursiva não se limita apenas à linguagem escrita ou falada, pois inclui todos os tipos de práticas discursivas, como textos escritos, discursos orais, imagens, vídeos, entre outros. Ela também é influenciada por questões culturais, sociais e políticas, e pode mudar ao longo do tempo à medida que esses contextos mudam. Vale ressaltar que a formação discursiva não é uma entidade fixa e imutável, já que pode evoluir e transformar-se à medida que as relações de poder e as perspectivas culturais modificam-se ao longo da história. Já a articulação entre formação discursiva e interdiscurso reside no fato de que um discurso nunca é produzido de forma isolada, mas está sempre em relação a outros discursos, evocando formações discursivas tracejadas, referenciadas ou incorporadas em seu interior. Desse modo, o interdiscurso refere-se às influências e conexões entre diferentes discursos que permeiam o processo de comunicação. Em outras palavras, o interdiscurso é a incorporação de elementos pré-existentes em um novo discurso, ratificando que um discurso nunca é totalmente autônomo, porquanto está ligado a discursos que circulam na sociedade e que se entrelaçam.

Segundo Orlandi (2007), “As formações discursivas são diferentes regiões que recortam o interdiscurso (o dizível, a memória do dizer) e que refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 20). Dessa forma, o interdiscurso é o conjunto de discursos e formações discursivas presentes no espaço social que constituem o horizonte de possibilidades para as produções discursivas específicas, ou dito nas palavras de

Orlandi (2007) “O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores” (ORLANDI, 2007, p. 20-21). Portanto, como é possível perceber, as formações discursivas podem ser provenientes de diferentes domínios sociais, como política, ciência, mídia, religião, entre outros, uma vez que o conceito de interdiscurso, que destaca o fato de que os discursos nunca são produzidos isoladamente, mas sempre em relação a outras formações discursivas, evocando outras práticas discursivas assim por diante.

Em vista do delineamento das condições de produção, da formação discursiva e do interdiscurso como operadores de interpretação do corpus deste artigo, amplia-se a capacidade de análise do discurso fundador do Estado do Tocantins em sua complexidade. Feitas tais elucidações sobre aparato teórico-metodológico, na seção seguinte deste artigo, serão aplicados esses conceitos teóricos analisando as interações discursivas existentes na placa do Palácio Araguaia de 9 de março de 1991. Dessa forma, mais abaixo, emprega-se uma abordagem discursiva na compreensão enriquecida das dinâmicas comunicativas no interior dos aspectos sociopolíticos conjunturais que permeiam esse fragmento específico da história do discurso fundador do Estado do Tocantins.

## **ANÁLISE: O DISCURSO FUNDADOR DO TOCANTINS**

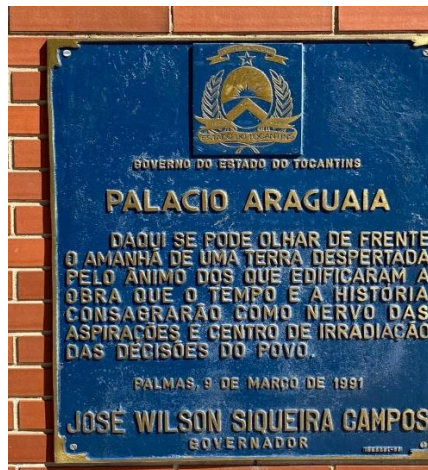
Conforme o objetivo deste texto de descrever e interpretar, à luz do consagrado instrumental interpretativo da Análise do discurso, os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na placa do Palácio Araguaia, sede do governo do Tocantins, de 9 de março de 1991, passa-se mais adiante as condições de produção iniciais da placa em questão. A inauguração do Palácio Araguaia, formalmente em 9 de março de 1991 pelo então governador José Wilson Siqueira Campos, fez como que o núcleo do poder executivo tocantinense ganha-se lugar fixo em uma das maiores praças<sup>3</sup> do mundo e a maior da América latina. Nesse direcionamento, é importante destacar que o monumento do Palácio Araguaia é de uma imponência cujos traços remontam ao império romano, sendo também um dos maiores prédios do governo executivo estadual do Brasil. Todavia, tamanha grandiosidade não se reflete na forma da placa que se pode ver logo abaixo.

---

<sup>3</sup> Segundo o sítio eletrônico Magazine civitatis (2023), a Praça dos Girassóis é a quarta maior praça do mundo, menor apenas do que a Praça Xinghai, em Dalian, China; a Times Square, em Daqing, China; e a Praça Merdeka em Jacarta, Indonésia.



Placa do Palácio Araguaia, 9 de março de 1991



Fonte: autores.

A fotografia acima deixa ver, entre outros elementos, o brasão<sup>4</sup> oficial do Estado do Tocantins, como o topo da disposição dos integrantes da placa, tal como nos documentos oficiais do Estado, nos quais se figura a mesma figura heráldica. Abaixo segue a inscrição: Governo do Estado do Tocantins e, posteriormente, o título da placa: Palácio Araguaia. Cabe destacar que, como placa é relativamente pequena, todos os seus componentes estão aparentemente sintetizados, de modo que o tamanho aproveitado pelas configurações simbólica e linguística são modestos, para não dizer pequenos. Deriva-se, dessa espacialização diametralmente oposta à opulência tanto da arquitetura do prédio, ao qual a placa faz referência direta, quanto da Praça dos Girassóis, as primeiras condições do discurso fundador do Estado, cujo principal efeito de sentido é a importância do tamanho da obra em detrimento ou de suas explicações oficiais, ou da proporcionalidade entre obras e suas sinalizações.

Diante da descrição de tais condições de produção da placa Palácio Araguaia e de um de seus efeitos contrastivos, chaga-se à mensagem contida em seu interior. Para facilitar a visualização do texto escrito em letras douradas em fundo azul-marinho segue seu conteúdo: “Daqui se pode olhar de frente o amanhã de uma terra despertada pelo ânimo dos que edificaram a obra que o tempo e a história consagrarão como nervo das aspirações e centro de irradiação das decisões do povo”. Dificilmente alguém, em um primeiro momento, não achará bonito os dizeres inscritos na entrada principal do Palácio Araguaia, porquanto referem-se ao amanhã, que enunciativamente nunca chega, ao centro a partir do qual emanam as decisões do povo, que

<sup>4</sup> De acordo com o texto presente no domínio digital do Estado do Tocantins, os integrantes do brasão simbolizam: “A barra branca representa o cultivo da paz. A faixa em azul representa nossos mananciais de água, enquanto a amarela representa o ouro, as riquezas do Estado” (TOCANTINS, 2023).

parece performatiza a função do monumento dedicado para ser o núcleo do poder executivo do Estado do Tocantins.

Tais condições de produção da mensagem contida na placa descrevem, em conjunto com o próprio conjunto de ideias nela dispostas, uma formação discursiva segundo a qual o conteúdo é menos relevante do que o acionamento de determinados itens lexicais significativos para as condições de produção. Nesse horizonte, conforme Orlandi (2011), “A formação discursiva é caracterizada pelas marcas estilísticas e tipológicas que se constituem na relação da linguagem com as condições de produção” (ORLANDI, 2011, p. 132), por essa razão característica, o emprego de elementos sintático-semânticos em “Daqui se pode olhar de frente o amanhã de uma terra despertada pelo ânimo dos que edificaram a obra que o tempo e a história consagrarão como nervo das aspirações e centro de irradiação das decisões do povo”, segundo condições de produção já descritas, efetivam uma formação discursiva análoga às textualizações do movimento literário parnasiano no Brasil. Vale lembrar que a “arte pela arte” é o grande mote do movimento parnasiano, cujos poetas possuíam uma maior preocupação estética em detrimento do conteúdo. De acordo com Bosi (2013), “É na convergência de ideais antirromânticos, como objetividade no trato dos temas e o culto a forma, que se situa a poética do Parnasianismo (BOSI, 2013, p. 233).

Ora, uma formação discursiva análoga ao parnasianismo traz para o texto, na qual se materializa, um ar arrojado, porém efetivamente diz muito pouco sobre algum tema ou ideia e, ainda sim, engendra uma produção interessante e esteticamente agradável, como “Daqui se pode olhar de frente o amanhã de uma terra despertada pelo ânimo dos que edificaram a obra que o tempo e a história consagrarão como nervo das aspirações e centro de irradiação das decisões do povo”. Pode-se colocar sob exame qualquer um para responder quem “edificaram a obra” e ninguém poderá responder com certeza quem, pois a obra pode ser tanto o próprio Palácio quanto o Estado, de modo a gerar uma ambiguidade profícua para o estabelecimento do discurso fundador. Em “Daqui se pode olhar de frente o amanhã de uma terra despertada pelo ânimo”, tem-se o pleonasma de construção, cujo principal traço é a obviedade marcada no uso verbal prolixo, disposto em “olhar de frente”.

Além disso, a formação discursiva análoga ao parnasianismo presente na placa do Palácio Araguaia de 9 de março de 1991, promove o emprego de “amanhã de uma terra despertada pelo ânimo” como se performatizasse o amanhã que nunca chega, ao mesmo tempo, para incitar alguma esperança, encaixada na possibilidade da terra, o Tocantins, ser desperta por algum desejo. Nesse perspectiva, como um cotejamento, pode-se dizer que a formação



discursiva análoga ao parnasianismo funciona de maneira relativamente próxima à formação discursiva existente na literatura de autoajuda, já que nessa alguns usos deslocados são propositais, como “A autorreflexão, o autocontrole e a auto indagação são empregados levemente nos textos da literatura de autoajuda, desrespeitando o caminho trilhado pelo discurso filosófico que previa a saída do sujeito da caverna platônica” (SOARES, 2023, p. 25).

Na esteira da fecunda formação discursiva análoga ao parnasianismo, a profusão de sentidos lembra aquela criticada por Lewis (2017), na qual “A virtude se tornou *integração*; a diligência, *dinamismo*” (LEWIS, 2017, p. 71; itálicos do autor), já que a propositura existente em “Daqui se pode olhar de frente o amanhã de uma terra despertada pelo ânimo dos que edificaram a obra que o tempo e a história consagrarão como nervo das aspirações e centro de irradiação das decisões do povo” volta-se ao processo argumentativo segundo o qual o arranjo de itens lexicais importa-se mais com a circularidade temática ao invés de explicitar algum tipo de expressão consistente de ideais perceptíveis a quem possa ler. Cabe destacar o emprego de algumas metáforas no seguinte trecho presente na placa: “(...) o *tempo e a história* consagrarão como *nervo das aspirações* e centro de irradiação das decisões do povo”, contudo, o delineamento e, conseqüentemente, o exame dessas operadoras de interpretação passa pelo crivo de que, segundo Gadet e Pêcheux (2010), “a língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo, da metáfora” (GADET; PÊCHEUX, 2010, p. 70).

Ora, a implicação da constatação de Gadet e Pêcheux (2010) é precisamente esta proposição: “Chamaremos *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo do ‘sentido’ designado por x e y” (PÊCHEUX, 2010, p. 96; itálico do autor). Nesse horizonte, os componentes da estrutura linguística da placa, “tempo e história”, como sujeito do verbo consagrar, e “nervo das aspirações” são metáforas e reproduzem o efeito metafórico segundo a perspectiva própria da formação discursiva na qual estão inseridos, entretanto, para investigar os sentidos e sujeitos engendrados por essas metáforas, parte-se do pressuposto que a significação manifesta está necessariamente vinculada à irrupção do interdiscurso, ou seja, o sentido surge da remissão obrigatória do discurso, encadeado na forma de texto, ao seu exterior, o interdiscurso (HENRY, 1992; PÊCHEUX, 2009).

Nesse direcionamento, “tempo e história” são deslocados de significações de medição para realizar uma ação, consagrar, que é tornar sagrado, cujo acionamento no interdiscurso mobiliza o discurso religioso. Em alguns trechos bíblicos, como este “É desse modo que você realizará a consagração de Arão e seus filhos, de acordo com todas as minhas instruções. A

cerimônia de consagração durará sete dias” (ÊXODO, 29:35 *apud* BÍBLIA, 2023), a utilização de consagrar, em seus registros morfossintáticos distintos, retoma o caráter sagrado de seres conectados à santidade. Portanto, a partir dessa retomada ao interdiscurso, o efeito metafórico presente em “(...) o tempo e a história consagrarão” produz o sentido de ratificação do que se está fazendo no momento de enunciação desses dizeres da placa e, sobretudo, fabrica o efeito de sacralidade, advinda do discurso religioso, para o discurso fundador, pois, almejando o futuro como seu principal aliado, as realizações do presente, da enunciação, são inspirações sagradas.

O efeito metafórico contido na formulação “(...) o tempo e a história consagrarão”, cuja retomada ao discurso religioso ancora-se no item lexical consagrar, conjugado pelo sujeito composto “o tempo e a história, ganha tamanha amplitude de leitura interdiscursiva justamente por ser um pré-construído do discurso religioso. Elucidando a noção de pré-construído, Mazière afirma: “A manifestação mais evidente do dado incontornável representado pela língua está manifestada na marcação do pré-construído no seio de uma interdiscursividade que ultrapassa a formação discursiva” (MAZIÈRE, 2007, p. 62). Por essa razão, o registro de “consagrarão”, e seus demais derivados sintagmas morfossintáticos, em textos não vinculados ao discurso religioso apontam-lhe para o efeito sagrado de algo ou alguém, acarretando, entre outros eventuais funcionamentos textuais-discursivos, o efeito metafórico.

A perspectiva interdiscursiva da sacralidade, tracejada pela formação discursiva análoga ao parnasianismo, encontra-se com outro efeito metafórico em “(...) nervo das aspirações e centro de irradiação das decisões do povo” para apontar o Palácio Araguaia como o centro das decisões do poder executivo do Estado do Tocantins sem o dizer em termos técnicos ou precisos e, ao mesmo tempo, excludentes, já que quem governa é o povo. O “nervo das aspirações e centro de irradiação das decisões do povo” é uma formulação linguística substituível por Palácio Araguaia que, por sua vez, desloca-se para o máximo poder executivo do Estado, cuja derivação posterior é a figura do governador, à época da confecção dos dizeres gravados na placa era José Wilson Siqueira Campos. É possível perceber, através do processo de deslocamento parafrástico, que o efeito metafórico existente em “nervo das aspirações e centro de irradiação das decisões do povo” suspende sentido de governo distante do cidadão, trazendo para o enunciado essa aproximação com a esfera dos governados.

No interdiscurso, a produtividade da utilização do sintagma povo remonta ao discurso político, cuja volubilidade oscila entre os seguintes tópicos: saúde, segurança e educação. Todavia, geralmente, os dizeres presentes no discurso político silenciam boa parte do campo

governamental para deslocar-se para o povo. Vale, a esse respeito, lembrar o que diz o parágrafo único da Constituição Federal: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição” (BRASIL, 1988). Assim, o povo, ente abstrato, descrito na carta magna, é o mesmo na placa do Palácio Araguaia, de 9 de março de 1991, já que, no interdiscurso, ele é de quem emana o poder, então, é dele “as aspirações e centro de irradiação das decisões”. Desse modo, pode-se afirmar que a formação discursiva análoga ao parnasianismo é orientada, através do acionamento do interdiscurso, tanto pelo discurso religioso quanto pelo discurso político que, cada qual fundamentando uma parcela dos dizeres da placa, unem-se no enunciado para engendrar sentidos e sujeitos abstratos e esteticamente aceitáveis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de descrever e interpretar, à luz do consagrado instrumental interpretativo da Análise do discurso, os efeitos de sentidos e de sujeitos presentes na placa do Palácio Araguaia, cede do governo do Tocantins, de 9 de março de 1991, este artigo debruçou-se sobre parte do discurso fundador do Estado tocantinense, extraíndo alguns de seus sentidos e sujeitos. Para tanto, fez-se uso articulado dos seguintes operadores de análise: condições de produção, formação discursiva e interdiscurso. Por meio desses, a conjuntura social e histórica, o estilo, a formulação do conteúdo e o entrelaçamento a outros discursos foram delineados e, conseqüentemente, examinados na discursividade presente no objeto de investigação. Assim, a placa, referente memorável, recebeu o tratamento consoante aos procedimentos propostos para se esquadriñar.

Como em 9 de março de 1991, a cede do Estado do Tocantins, recém-criado, legou um documento-monumento, a placa de inauguração do Palácio Araguaia, parte das condições de produção do discurso fundador do mais novo Estado da nação brasileira nele está contido. O discurso, como base simbólica para justificar tomadas de decisões ocasionadas na fundação de países, Estados ou demais circunscrições geopolíticas, possui a propriedade de fundador (ORLANDI, 2001) e, como foi possível verificar com a análise empreendida, articula-se a outros discursos. Nesse direcionamento, por meio do exame da formulação presente no texto da placa, encontrou-se uma formação discursiva análoga à escrita parnasiana, cuja principal preocupação é a forma em detrimento do conteúdo. O entrecruzamento do pré-construído do discurso religioso, consagrar”, ao discurso político, como visto, proporciona a ratificação do discurso fundador pelos dos âmbitos de atuação humana.

Por fim, localizou-se parte da ancoragem do discurso fundador em componentes recorrentes do discurso político, como no caso do emprego do sintagma povo que, no interior do discurso político, refere-se à instância cidadã. Através desse expediente validador, representa-se o cenário no qual o Palácio Araguaia foi feito para o povo e as decisões nele tomadas são de interesse popular, ratificando tanto a estrutura quanto o conteúdo do discurso fundador presente na placa de 9 de março de 1991. Em outros termos, os interesses políticos são deixados no limbo, pois esse são entidades altruístas, cujo tempo e a história consagrarão. Portanto, pode-se afiançar que, diante de tantas narrativas, documentos-monumentos, interesses políticos, o discurso fundador do Tocantins carrega, em sua formalidade, parte do desejo autêntico da população brasileira, porém, sua estética turva visa, antes de tudo, engendrar sentidos e sujeitos profundamente aceitáveis e, *per se*, isso é altamente duvidoso.

## REFERÊNCIAS

- As 10 maiores praças do mundo. **Magazine civitatis**. 2023. Disponível em: <https://www.civitatis.com/blog/pt-br/maiores-pracas-do-mundo/>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- BÍBLIA, **Êxodo, 29:35**. Minha bíblia online. 2023. Disponível em: <https://www.minhabibliaonline.com.br/biblia/nvt/exodo/29/35>. Acesso em: 14 ago. 2023.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 49ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 14 ago. 2023.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística**. Campinas, SP: Editora RG, 2010.
- LEWIS, Clive Staples. **A abolição do homem**. Trad. Gabriele Greggersen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- MAZIÈRE, Francine. **A Análise do Discurso: história e práticas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6 ed. Campinas, SP: Pontes, 2011.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Bethania S. Mariani [et. al.] 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

SILVA, Francisco Ayres da. **Caminhos de outrora**. 2 ed. Porto Nacional, TO: Prefeitura Municipal, 1999.

TOCANTINS. **Criação do Estado do Tocantins** – 1988. Gov. do Tocantins. 2023. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secult/1-criacao-do-estado-do-tocantins-1988/69ku6myrjrwe>. Acesso em: 12 ago. 2023.

TOCANTINS. **Símbolos do Tocantins**. Gov. do Tocantins. 2023. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/simbolos-do-tocantins/7d2r9947ue4c#:~:text=A%20barra%20branca%20representa%20o,ouro%2C%20as%20riquezas%20do%20Estado>. Acesso em: 14 ago. 2023.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. Discurso de sucesso contemporâneo na capitalização dos sujeitos. **Ideação**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 16–32, 2023. DOI: 10.48075/ri.v25i2.30032. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/30032>. Acesso em: 14 ago. 2023.

*Recebido em: 08 de agosto de 2023*

*Aceito: 21 de agosto de 2023.*